

TURISMO ARQUEOLÓGICO EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO: EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS E PERSPECTIVAS NO PARQUE ESTADUAL DA SERRA DO CABRAL, MINAS GERAIS

ARCHAEOLOGICAL TOURISM IN PROTECTED AREAS: EXPERIENCES, CHALLENGES AND PERSPECTIVES IN PARQUE ESTADUAL DA SERRA DO CABRAL, MINAS GERAIS

Leandro Vieira da Silvaⁱ

Resumo: O artigo tem como objetivo compartilhar uma experiência de natureza arqueoturística que foi realizada pelo Instituto Estadual de Florestas de Minas Gerais. Expõe o planejamento e a realização da visita aos sítios arqueológicos e apresenta uma discussão sobre os desafios e as perspectivas do turismo arqueológico. Os resultados da experiência vivenciada no Parque, a partir da união dos conhecimentos da Arqueologia e de um planejamento efetivo em relação ao atrativo turístico, sugerem a necessidade de uma discussão ampla sobre o potencial social do turismo arqueológico. Acredita-se que o Arqueoturismo deve ser colocado de forma renovada na pauta arqueológica em razão dos mecanismos que ele oferece para divulgar esses bens para a sociedade, especialmente quando os sítios estão localizados em Unidades de Conservação. **Palavras-Chave:** Turismo Arqueológico; Uso Público; Parque Estadual da Serra do Cabral-MG.

Abstract: The article aims to share an experience of an archaeotourism work that was carried out by the Instituto Estadual de Florestas de Minas Gerais. It explains the planning and execution of visits to archaeological sites and presents a discussion on the new directions of public use in Conservation Units in relation to archaeological sites. The results of the experience in the Park, based on the combination of archeological knowledge and effective planning in relation to the tourist attraction, suggest the need for discussion on the social potential of archaeological tourism. It is believed that Archeotourism must be placed on the archaeological agenda in a renewed way due to the mechanisms it offers to disseminate these assets to society, especially when the sites are located within Units of Conservation. **Keywords:** Public Use; Archaeological Tourism; Parque Estadual da Serra do Cabral

ⁱ Analista Ambiental da Secretaria Estadual de Meio Ambiente de Minas Gerais. Doutor em Arqueologia. Atualmente, é pós-graduando em História da Arte.

Introdução

Em 2023, foi aprovada pelo Instituto Estadual de Florestas de Minas Gerais (IEF) uma parceria com a Secretaria Municipal de Turismo, Cultura e Meio Ambiente da Prefeitura de Joaquim Felício para a realização de diversas atividades relacionadas à temática do uso público no Parque Estadual da Serra do Cabral. Esse projeto teve por objetivo estreitar as relações entre a população do município e a unidade de conservação, por meio de ações que envolviam visitas e a extroversão de conhecimentos relacionados aos meios físico, biótico e sociocultural. A atividade que será descrita neste trabalho relaciona-se diretamente com o patrimônio arqueológico e foi concebida pelo administrador Jarbas Jorge Alcântara, gerente do parque, pela turismóloga Maíra Lima, da Prefeitura de Joaquim Felício e por Leandro Vieira da Silva, arqueólogo da Secretaria Estadual de Meio Ambiente de Minas Gerais.

Em linhas gerais, o Parque Estadual da Serra do Cabral foi criado pelo Decreto de número 44.121, em 29 de setembro de 2005, possui uma área de 22.494,1728 ha, e está localizado nos municípios de Joaquim Felício e Buenópolis. Essa Unidade de Conservação está localizada na região centro-norte do Estado, na serra de mesmo nome e da qual faz parte da Cordilheira do Espinhaço. Com altitudes que variam entre 900 e 1.300 m, a serra é um divisor de águas entre os rios das Velhas e Jequitaí, ambos afluentes da margem direita do rio São Francisco. A vegetação local é composta de veredas, matas e cerrado. Há ocorrência de sempre-vivas e palmito doce e na fauna destaca-se a presença de antas, espécie ameaçada de extinção (Instituto Estadual de Florestas, 2016).

O Parque abriga muitas nascentes, entre elas as dos córregos Riachão e Embaiassaia, responsáveis pelo abastecimento das áreas urbanas dos municípios de Buenópolis e Joaquim Felício, respectivamente. A abundante rede hidrográfica forma inúmeras cachoeiras e piscinas naturais, que compõem, juntamente com os afloramentos rochosos, as veredas, as matas e os campos naturais, paisagens que apresentam grande potencial para o turismo. Além disso, destaca-se o grande número de sítios arqueológicos pré-históricos existentes com pinturas rupestres, onde predominam desenhos zoomorfos.

A demanda esteve ligada à 9ª Jornada do Patrimônio Cultural de Minas Gerais e a proposta para essa edição foi sugerida pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico de Minas Gerais (Iepha-MG), com o tema “Caminhos Gerais: itinerários e rotas do patrimônio cultural mineiro”. Dentre os diversos assuntos sugeridos pelo Iepha, a Prefeitura de Joaquim Felício optou pelo tema

“Caminhos arqueológicos: regiões e sítios que possuem importantes evidências de cultura material e vestígios da presença humana em tempos passados”.

Assim, a partir da parceria estabelecida entre a Prefeitura de Joaquim Felício e o Parque Estadual da Serra do Cabral, foi elaborado um projeto que envolveu uma visita guiada a sítios arqueológicos que apresentam diversos painéis de pinturas rupestres pré-coloniais e que estão localizadas no interior da unidade de conservação. O público-alvo da atividade foram os alunos do sexto ano do ensino fundamental da Escola Municipal Professora Odília Costa. Diversas palestras sobre a pré-história foram realizadas para outros alunos dessa escola e também para estudantes e professores do ensino médio da Escola Estadual Nossa Senhora das Dores.

Após o final das atividades, que ocorreram no mês de setembro de 2023, a boa receptividade por parte de todos os agentes que participaram como administradores, produtores ou receptores das informações, indicou a relevância do ponto de vista interinstitucional e interdisciplinar, aliando a divulgação do patrimônio arqueológico e o incentivo ao desenvolvimento de atividades de turismo na unidade de conservação.

O patrimônio arqueológico da Unidade de Conservação: o cenário da ação

Conforme informações levantadas no Plano de Manejo do Parque Estadual da Serra do Cabral, há mais de 117 sítios arqueológicos com pinturas localizadas em matacões, em blocos quartzíticos e, principalmente, em abrigos de quartzito. Estas formações espeleológicas são modestas, se comparadas com aquelas que ocorrem em rochas calcárias (IEF, 2016; Silva, 2019).

A maioria das pinturas é da cor vermelha, mas também existem amarelas, brancas e pretas, mas que ocorrem em menor quantidade. A temática zoomorfa é a de maior destaque, onde foram detalhados uma fauna extremamente variada, e de forma bastante realista, com um grande efeito visual para quem as observa. As técnicas para executar os grafismos foram a linear, onde apenas o contorno é feito e a silhueta, no qual a figura é contornada e no seu interior é toda colorida. Apesar da temática animal dominar o repertório, como pode ser observado na figura 01, houve espaço para temáticas que incluíam figuras geométricas, antropomorfas, fitomórficas e abstratas (Seda, Andrade, 1989; Seda, 1998, 2007, Seda, Pangaio, 2016; Silva, 2019).



Figura 1: Registros rupestres no sítio arqueológico Lapa do Lobo. Fonte: Arquivo do autor.

A obtenção dos pigmentos para elaborar as tintas provinha de diferentes fontes, o vermelho, cor principal de todos os painéis da Serra do Cabral vinha do óxido de ferro, a amarela da goethita, outro óxido de ferro. Estas matérias-primas ferruginosas são facilmente encontradas em ambientes tropicais devido as formações geológicas de crostas lateríticas e das coureças ferruginosas (Seda, Andrade, 1989; Seda, 1998, 2007, Seda, Pangaio, 2016; Silva, 2019).

Já o branco vinha do caulim e de rochas carbonáticas, como pode ser observado na Figura 2 e o preto era proveniente do manganês. Algumas cores eram o resultado de uma mistura, como a cor cinza, vindo do vermelho com branco. Outras cores que para nós são comuns como o azul, o rosa e o verde não foram utilizados na Serra do Cabral (Prous, 1992; Silva, 2019).

Deste modo, diante da grande riqueza e complexidade do patrimônio arqueológico da Unidade de Conservação, a etapa seguinte foi obter a autorização da Gerência de Unidades de Conservação, em Belo Horizonte que, de imediato, aprovou a participação do arqueólogo que está lotado na referida gerência para participar dessa experiência de uso público e de educação patrimonial.

A partir das orientações expostas no Plano de Manejo do Parque Estadual da Serra do Cabral, tendo como critério de seleção o tipo de público, a escolha pelos locais de visitação recaiu sobre a trilha “Descobrimo o Cabral”. Essa trilha está em uma área de relevo plano, os sítios

arqueológicos são de fácil acesso e não exige grande esforço físico. Perfil considerado adequado para os alunos do ensino fundamental.

Na área há painéis com pinturas rupestres muito particulares e que são excelentes atrativos turísticos, por apresentarem grande apelo para visitação pública, como a Lapa do Peixe e a Lapa da Dança. Contudo, pelo fato do patrimônio arqueológico ser finito, frágil e não-renovável, torna-se imperativo um rigoroso planejamento para evitar possíveis impactos aos registros. Como afirmou Morais: “não há turismo e, muito menos o uso do patrimônio arqueológico para fins turísticos, sem planejamento” (Morais, 2002, p. 101).



Figura 2: Pinturas no sítio arqueológico Pedra Alta, onde o branco foi utilizado. Fonte: Arquivo do autor (2023)

A proposta e a sua execução

A concepção de elaborar essa atividade estava fundamentada no arqueoturismo e aqui, entende-se como toda e qualquer visita aos sítios arqueológicos que tenha por objetivo receber informações sobre eles. A atividade implica, por sua vez, no compromisso ético com a preservação do patrimônio, tornando-se necessária a preparação dos sítios para que seus usos sejam sustentáveis, além do cuidado com as informações que serão transmitidas para os visitantes. Esse último aspecto deve ser tratado de forma muito criteriosa, conforme alertou Lima:

Postos muitas vezes a serviço de celebrações duvidosas, de saudosismos nostálgicos, de reconstituições estereotipadas e fantasiosas, bens arqueológicos são transformados em pastiches, em caricaturas do passado, apenas para diversão e lazer, degradados pela distorção dos seus significados (Lima, 2007, p. 12).

Assim, diante desse contexto, foram propostos os seguintes objetivos:

1. despertar o interesse dos alunos sobre os registros arqueológicos;
2. realizar trocas de vivências e de experiências didáticas com os professores acompanhantes;
3. colocar em prática os preceitos do arqueoturismo em uma área ecologicamente protegida.
4. promover a divulgação do potencial turístico do Parque Estadual da Serra do Cabral.

Do ponto de vista metodológico, o presente trabalho partiu de uma proposta iniciada em 2018, por meio de uma experiência de educação patrimonial realizada em 2018, voltada para os professores da rede pública de ensino de Buenópolis e Joaquim Felício e funcionários do Parque Estadual da Serra do Cabral. Naquela época, a atividade teve por objetivo realizar uma abordagem extensionista baseada em práticas de inovação pedagógica a partir de disciplinas escolares como História, Geografia e Artes.

Com a finalidade de atingir o objetivo proposto, duas etapas foram realizadas naquele ano: a) a elaboração de material didático, com linguagem acessível para os professores, explicando sobre os diversos aspectos que envolvem os grafismos e b) a realização de palestras na sede do Parque, onde funcionários da unidade de conservação, agentes de turismo e os professores das disciplinas mencionadas foram convidados para explicar sobre a concepção do material distribuído, o contexto pré-histórico do local, os sítios arqueológicos que seriam abertos à visitação pública futuramente (Silva, 2021).

Dessa maneira, passados cinco anos em relação às atividades¹, o presente trabalho foi metodologicamente organizado em quatro linhas de ação, de forma que abrangesse:

1. promover capacitação para funcionários da unidade de conservação sobre os conteúdos relativos à Pré-História da região;
2. visita guiada dos alunos e professores pela trilha “Descobrimo o Cabral”;

¹O hiato de 5 anos entre as primeiras atividades, ocorridas em 2018 e as que estão sendo tratadas neste artigo, ocorrida em 2023, se deve à vários fatores, mas, principalmente, pela pandemia da COVID-19.

3. doação de publicações sobre a pré-história do Parque para as bibliotecas escolares e envio de bibliografia especializada para docentes;
4. realização de palestras para alunos do ensino médio e para o corpo docente.

A primeira parte da metodologia constituiu na realização de uma revisão bibliográfica sobre os sítios arqueológicos que estão presentes na área, bem como as características dos grafismos. Por se tratar de um público muito jovem, não especializado e sem bagagem qualquer científica, houve a preocupação em construir uma didática mais acessível por meio dos preceitos técnicos, teóricos e metodológicos do turismo arqueológico atual (Figueiredo, Pereira, Bezerra, 2012; Andrade, 2013; Abadia, 2014; Calazans; Ferreira, 2017; Guimarães, 2018; Lucena, 2024).

Na sequência, foi feita uma inspeção completa na trilha “Descobrimo o Cabral” e em todos os painéis que seriam visitados. Posteriormente, por motivos de segurança, foi realizado um diagnóstico preliminar sobre o estado de conservação daqueles conjuntos picturais que foram alvos da visita e a confirmação *in loco* de que a trilha apresentava um acesso seguro e estável ao longo de todo o trajeto, desde a estrada até os sítios arqueológicos.

Antes da realização da visita propriamente dita, houve uma capacitação dos funcionários que estavam envolvidos na atividade, por meio de explicações sobre a formação dos registros arqueológicos daquela localidade e o estabelecimento de um roteiro básico como material de apoio, sempre com o objetivo de estar em sintonia com os princípios do arqueoturismo. As explicações para os funcionários recaíram, sobretudo, na importância do planejamento para atividade arqueoturística.

Assim, após essas etapas preparatórias, houve a condução dos alunos e professores até os painéis. A partir de questões de ordem logística, os alunos chegaram ao Parque por meio de vans, em razão da distância entre a cidade e os sítios arqueológicos. Porém, foi prevista uma rápida parada na sede da unidade de conservação para que eles pudessem receber as primeiras instruções. Durante a visita, os alunos puderam observar as pinturas e receberam explicações do arqueólogo no que tange ao registro arqueológico, além das características ecológicas do Parque pelos funcionários da unidade de conservação. Apesar do sol forte, os locais são abrigados, proporcionando pontos sombreados agradáveis para que os alunos pudessem sentar e receber as informações.

Inicialmente, os alunos receberam orientações básicas como: não jogar lixo no chão, não tocar nas pinturas rupestres e não sair da trilha durante o percurso. Em razão dos grandes tamanhos

das pinturas, as crianças demonstraram admiração e entusiasmo ao observar os grafismos. Por se tratar de grafismos de grupos humanos pretéritos, estamos diante de um sistema de comunicação social cujo código se perdeu com o tempo, restando apenas o seu significante (Perazzo, Cisneiros e Araújo, 2021), sendo possível apenas identificar algumas espécies de animais que foram representados de forma mais realista.

Ao longo da trilha Descobrindo o Cabral, os visitantes podem apreciar desenhos com representações ora mais abstratas e ora mais realistas, a exemplo da Lapa do Peixe, onde os indígenas pintaram um cardume de bagres de forma muito fidedigna (Figura 3). Ao se depararem com o painel, alguns alunos foram capazes de identificar rapidamente que se trata de bagres. A visita ainda permitiu testar a proposta da trilha, com os deslocamentos e os locais de parada e que teve uma duração de duas horas e meia.



Figura 3: Lapa dos Peixes, sítio que integrou o circuito da visita guiada. Fonte: Arquivo do autor (2023)

As duas últimas etapas da atividade foram realizadas na cidade de Joaquim Felício, com a realização das palestras e da cessão de material bibliográfico. Em relação a essa última ação, foram selecionadas publicações sobre a pré-história da região do Parque, bem como de Minas Gerais e do Brasil. Os artigos predominaram nas referências bibliográficas, por serem leituras mais ágeis e de fácil acesso na internet, do que dissertações, teses ou livros inteiros. Além disso, exemplares de periódicos em sua forma impressa foram doados para as bibliotecas escolares.

E por fim, as palestras foram realizadas para públicos dos ensinos fundamental e médio. Nas palestras dirigidas aos alunos foram apresentados basicamente os seguintes assuntos: a) conceito de Arqueologia (com ênfase sobre a sua distinção em relação à Paleontologia, em razão

do frequente equívoco entre as disciplinas), b) o contexto do povoamento pré-histórico de Minas Gerais, c) os vestígios encontrados no Parque, d) os aspectos da vida e da sociedade de grupos caçadores-coletores, e) os aspectos da vida e da sociedade de grupos horticultores-ceramistas, f) o patrimônio arqueológico como um bem público e o seu valor para a sociedade atual, e g) recomendações gerais aos alunos quando forem visitar os sítios na unidade de conservação.

Em relação à palestra proferida especificamente ao corpo docente, ela foi realizada à noite, para que o maior número possível de professores pudesse participar e contou com a abertura feita pela secretária municipal de educação de Joaquim Felício, que ressaltou a importância da preservação dos patrimônios histórico e ambiental. Na sequência, a palestra foi estruturada em dois eixos: a) questões gerais sobre a pré-história local e regional e b) propostas didáticas para abordar o tema em sala de aula.

Dessa forma, várias sugestões foram apresentadas: a) para os professores de História, conteúdos relativos à história indígena; b) para professores de Artes, conteúdos referentes à elaboração de pintura; c) para professores de Geografia, conteúdos sobre a inserção dos sítios arqueológicos na paisagem; d) para professores de Biologia, conteúdos relativos à fauna representada nos painéis; e) para professores de Literatura, conteúdos relativos à elaboração de textos poéticos sobre a beleza da Serra do Cabral; f) para professores de Educação Física, conteúdos relativos ao modo de vida nômade de caçadores-coletores e g) para professores de Química, conteúdos relativos aos pigmentos minerais usados para elaborar os grafismos.

Considerações Finais

A partir da ampla variedade de patrimônios materiais e imateriais que o poder público considera de grande importância para valorizar o processo civilizatório brasileiro, estão os sítios arqueológicos. Se, de um lado, órgãos ligados à pasta da cultura atuam ativamente para preservar esse patrimônio, os órgãos ambientais que detêm a responsabilidade de administrar áreas ecologicamente bem preservadas, podem promover esse patrimônio arqueológico, enquanto um elemento a mais para justificar manutenção dessas áreas verdes, como uma verdadeira via de mão dupla entre cultura e meio ambiente.

Torna-se imprescindível para o avanço das políticas de proteção e de preservação do patrimônio arqueológico, que o mesmo se aproxime da população brasileira, demonstrando como os

múltiplos ancestrais dos brasileiros estiveram presentes todas as regiões naturais do país- amazônia, caatinga, cerrado, mata atlântica, pantanal, etc e mesmo no fundo do mar- cujos vestígios passam, basicamente, pelos mesmos problemas como os processos naturais de intemperismo e os impactos gerados pela ação humana, provocados muitas vezes pelo desconhecimento.

É neste último quesito, o desconhecimento, que o caso aqui relatado demonstra que o turismo arqueológico, pode contribuir para a disseminação e promoção dos bens arqueológicos. A experiência no Parque Estadual da Serra do Cabral, integrou conhecimentos da Arqueologia a uma proposta de fruição daqueles bens culturais por indivíduos ainda muito jovens. Acredita-se que, sem ignorar os impactos ambientais advindos da visitação em razão da ausência de um planejamento adequado e da busca do lucro a qualquer preço, o arqueoturismo deve ser colocado de forma renovada na pauta arqueológica em razão dos mecanismos que ele oferece para divulgar esses bens.

Outra questão a ser pontuada nessa experiência, refere-se ao fato de que a visita *in loco* não foi uma ação isolada, mas acompanhada da realização de palestras para turmas inteiras e para o corpo docente, que poderá assumir o papel de replicador desses conhecimentos. Dentre as críticas corriqueiras que se faz ao arqueoturismo, está a de que as visitas são rápidas e ocasionais. Entretanto, é preciso refletir se esse não seria, justamente, um dos grandes desafios do turismo arqueológico: como os conteúdos podem ser condensados e repassados aos visitantes sem ser piegas, superficial ou equivocado? E mais ainda, como despertar o interesse do grande público de forma positiva? Neste sentido, o arqueoturismo pode dialogar com a Museologia para aperfeiçoar a transmissão das informações.

A atratividade de um sítio arqueológico sobre os indivíduos pode ser avaliada a partir do interesse dos visitantes em voltar ao sítio. O passado humano é denso, complexo e seria ingênuo acreditar que ele pode se esgotar em uma única e rápida visita. Se o visitante sente a necessidade de retornar é porque, de alguma forma, o sítio arqueológico tocou a sua sensibilidade, conseguiu levá-lo à reflexões, levando a olhar para si e para o “outro” e perceber a sua própria maneira de estar no mundo. Esse é o principal objetivo do turismo arqueológico.

Referências

- ABADIA, B. 2014. Arqueologia, Comunidade e Turismo: Possibilidades para o desenvolvimento do arqueoturismo em Laranjeiras/SE. Dissertação de Mestrado, UFS.
- ANDRADE, M. 2013. Conservação Integrada do Patrimônio Arqueológico: uma alternativa para o Parque Estadual Monte Alegre - Pará - Amazônia - Brasil. 1. ed. Saarbrücken: Novas Edições Acadêmicas, 222 p.
- CALAZANS, L. A.; FERREIRA, J. 2017. Turismo e arqueologia: um diálogo possível? Revista de turismo contemporâneo, v. 5, p. 133-155.
- FIGUEIREDO, S.; PEREIRA, E.; BEZERRA, M. (Org.) 2012. Turismo e Gestão do Patrimônio Arqueológico. 1. ed. Belém: Iphan.
- GUIMARÃES, G.; ANJOS, F.; FARIAS, D.; ARNOLD JUNIOR, M. 2018. Gestão do patrimônio arqueológico e desenvolvimento turístico: ações e propostas. Revista brasileira de pesquisa em turismo, v. 12, p. 47-80.
- INSTITUTO ESTADUAL DE FLORESTAS, Biopreservação Consultoria. 2016. Plano de Manejo do Parque Estadual Serra do Cabral, Encarte I.
- INSTITUTO ESTADUAL DE FLORESTAS. 2014. Parque Estadual da Serra do Cabral. Disponível em: <<http://www.ief.mg.gov.br/component/content/article/210-parque-estadual-da-serra-do-cabral>>. Acesso em: 04/02/2024.
- LIMA, T. A. 2007. Um passado para o presente: preservação arqueológica em questão. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, v. 33, p. 5-21.
- LUCENA, R. 2024. Arqueologia e turismo no Parque Metropolitano Armando de Holanda Cavalcanti, Pernambuco: um modelo de arqueoturismo para o desenvolvimento local. Dissertação de Mestrado, UFPE, 115 p.
- MORAIS, J. L. 2002. A arqueologia e o turismo. In: FUNARI, P. P.; PINSKY, J. (Org.). Turismo e Patrimônio Cultural. 2. ed. São Paulo: Contexto, p. 95-103.
- PERAZZO, M.; CISNEROS, D.; ARAUJO, A. 2021. Caracterização e Análises dos Registros Rupestres do Sítio Santo Antônio, Serra Azul - SP - Brasil. Fundamentos, v. XVIII, p. 73-101.
- PROUS, A. 1992. Arqueologia brasileira. Brasília: Universidade de Brasília.
- SEDA, P. 1998. A caça e a arte: os caçadores-pintores pré-históricos da Serra do Cabral, Minas Gerais. Tese de Doutorado em História Social, IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro.
- SEDA, P. 2007. Arte rupestre do centro, norte e noroeste de Minas Gerais, Brasil. In: Arqueologia e Patrimônio de Minas Gerais. Juiz de Fora: Editar, 216 p.

SEDA, P.; ANDRADE, Gilda. As representações zoomorfas da arte rupestre da Serra do Cabral: uma tentativa de identificação e classificação taxonômica. *Dédalo, Pub. av.*, n. 1, p. 343-361, 1989.

SEDA, Paulo; PANGAIO, L. 2016. Serra do Cabral, Minas Gerais: um patrimônio arqueológico e ambiental ainda em busca de preservação. IV Seminário de Preservação do Patrimônio Arqueológico, Rio de Janeiro, p. 35-61.

SILVA, L. V. da. 2019. As pinturas rupestres da Serra do Cabral. *MG. BIOTA*, v. 11, p. 53-60.

SILVA, L. V. da. 2021. Pinturas para ver e compreender: locais de visitação pública no Parque Estadual da Serra do Cabral (MG) para o desenvolvimento de atividades educacionais. In: *Semana Científica online de Educação. Anais da Semana Científica online de Educação.*